

**A POESIA DO VALE DO SÃO FRANCISCO NO CONTEXTO PANDÊMICO, EM
CONSONÂNCIA COM A CRÔNICA “EM DEFESA DAS PALAVRAS”, DE EDUARDO
GALEANO**

Claudete Maria Galvão de Lima^{1*}; Talita Louise Mafra Magalhães²

¹Mestrado em Educação (UFES) Graduada em Letras (UPE). Graduada em Pedagogia (UPE). *Autora Correspondente. E-mail: claugalvao56@gmail.com

³Graduanda em Direito pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (FACAPE). E-mail: louisemafra@hotmail.com

Recebido: 21.07.2021 Aceito: 01.02.2022

RESUMO: O presente artigo não pretende discutir a Literatura como transfiguração, reinvenção, recriação ou transposição do estético, do belo ou ficcional. Antes, incide de uma constatação das autoras, a partir da crônica “*Em defesa das palavras*”, do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, por considerarem pertinentes, as suas observações, a respeito do ato da escrita, como condição de resistência e liberdade. É uma interpretação que se baseia na concepção e envolvimento produzidos pelos diferentes textos, criados em um contexto de silêncio e solidão, presentes no livro “*Versos em Pandemia – retalhos de um tempo*”. Traduzidos de palavras, que perderam as suas significações meramente dicionarizadas e tomaram condutas outras, que excedem o factual, assumindo-se como pretexto e transcendência de um tempo, para as autoras, esses versos traduzem sensações e emoções que transbordaram de um claustro a céu aberto, em que as pessoas perderam o direito de ir e vir – liberdade – e passaram a viver do medo e incertezas institucionalizadas. São passagens de uma obra que marca e delimita não só o tempo, mas todas as vidas. Sendo assim, de forma reflexiva, as autoras buscaram traduzir esses significados, em consonância com a interpretação de alguns fragmentos (versos ou estrofes) “*Em defesa das palavras*” de Galeano.

Palavras-chave: Poesia; Crônica; Literatura Contemporânea

**THE POETRY OF THE SÃO FRANCISCO VALLEY IN THE PANDEMIC CONTEXT, IN
CONSONANCE WITH THE CHRONICLE “IN DEFENSE OF WORDS”, BY EDUARDO
GALEANO**

ABSTRACT: This article does not intend to discuss Literature as a transfiguration, reinvention, recreation, or transposition of the aesthetic, the beautiful or the fictional. Rather, it focuses on a finding by the authors, based on the chronicle “*Em defesa das palavras*”, by the Uruguayan journalist and writer, Eduardo Galeano, as they consider it important, as their criticisms, regarding the act of writing, as a condition of resistance and freedom. It is an interpretation based on application and involves obtaining from the different texts present in the book “*ersos em Pandemia – retalhos de um tempo*”, which under their eyes were created in a context of silence and solitude, translated into words, which lost their meanings were merely dictionized and took on other behaviors, which go

beyond the factual, assuming themselves as a pretext and transcendence of a time. For the authors, these verses translate sensations and emotions that overflowed from an open-air cloister, in which people lost the right to come and go - freedom - and began to live on institutionalized fear and uncertainties. They are passages in a work that marks and delimits not only time, but all lives. Thus, in a reflexive way, the authors will seek to translate these meanings, in line with the interpretation of some fragments (verses or stanzas), endorsed by the chronicle: "In defense of words" by Galeano.

Keywords: Poetry; Chronicle. Contemporary literature. Pretext. Transcendence

LA POESÍA DEL VALLE DE SÃO FRANCISCO EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA, EN CONSONANCIA CON LA CRÓNICA "EN DEFENSA DE LAS PALABRAS", DE EDUARDO GALEANO

RESUMEN: Este artículo no pretende discutir la Literatura como transfiguración, reinención, recreación o transposición de lo estético, lo bello o lo ficcional. Más bien, se centra en una constatación de los autores, a partir de la crónica "En defensa de las palabras", del periodista y escritor uruguayo Eduardo Galeano, por considerar pertinentes sus observaciones, respecto al acto de escribir, como condición de resistencia y libertad. Es una interpretación que se basa en la concepción y el involucramiento producido por los diferentes textos, creados en un contexto de silencio y soledad, presentes en el libro "Versos em Pandemia – patchwork of a time". Traducidos de palabras, que han perdido sus significados meramente de diccionario y han tomado otras conductas, que exceden lo fáctico, asumiéndose como pretextos y trascendencia de un tiempo, para los autores, estos versos traducen sensaciones y emociones que desbordaron de un aire libre. claustro. , en el que las personas perdieron el derecho de ir y venir -la libertad- y empezaron a vivir del miedo y la incertidumbre institucionalizados. Son pasajes de una obra que marca y delimita no sólo el tiempo, sino todas las vidas. Por lo tanto, de manera reflexiva, los autores buscaron traducir estos significados, en línea con la interpretación de algunos fragmentos (versos o estrofas) "En defensa de las palabras" de Galeano.

Palabras clave: Poesía; Crónica; Literatura contemporánea

INTRODUÇÃO

A gente escreve para despistar a morte e destruir os fantasmas que nos afligem por dentro; mas aquilo que a gente escreve só pode ser útil quando coincide de alguma maneira com a necessidade coletiva de conquista da identidade (GALEANO, 1978, p. 15).

Quando se propõe a produção poética, um artista pretende usar a palavra como pretexto, para a (re) significação e pluris-sentidos que as palavras adquirem e perpassam para os seus interlocutores. Nas palavras de Galeano (1978, p. 14), "as pessoas escrevem a partir de uma necessidade de comunicação e de comunhão com os outros para denunciar aquilo que perturba e compartilhar o que traz alegria." Poderíamos ainda acrescentar à definição de Galeano, a necessidade de também compartilhar as tristezas, a solidão, e os sentimentos ruins, que assolam a todos nós por igual.

Este artigo é um estudo comparativo sobre a coletânea de poemas *Versos em Pandemia – retalhos de um tempo* (Figura 01), organizada pelos professores e poetas Roberto Remígio Florêncio e Vlader Nobre Leite (Petrolina: Editora Oxente, 2020), a partir dos argumentos identificados na obra *Em defesa das palavras* (São Paulo: Vozes, 1978), do jornalista e escritor Eduardo Galeano (Montevideú, 03 de setembro de 1940 – Montevideú, 13 de abril de 2015). No presente artigo, buscamos fazer uma análise interpretativo-comparativa dos poemas registrados na coletânea em consonância ao que aponta Galeano sobre o ‘ato de escrever’, especialmente a partir da crônica *Em defesa das palavras*, e a possibilidade de não o fazê-lo.



Figura 01: Imagem da capa do livro/Foto: Roberto Remígio Florêncio
Acervo das autoras, 2020.

A escolha dos textos foi aleatória e tem por base os sentidos advindos e despertados pela percepção das autoras. Seria impossível trabalhar todos os textos, mas se buscou justificar suas passagens, em virtude da visibilidade atravessada e comprometida nos textos em análise, com a pertinência das palavras do autor, na crônica, e dos poetas, nos seus versos. É a partir da sua escrita, que focamos nossa análise interpretativa desse livro de poemas, que foi originalmente produzido em meio ao turbilhão de informações sobre a Pandemia do Corona Vírus, ao receio generalizado de contaminação e desenvolvimento da doença que ficou conhecida como Covid-19 e à adoção de novas práticas de comportamento, como constante higienização de mãos e produtos, uso de máscaras e o distanciamento social, que provocou ou potencializou os sentimentos de solidão e desamparo. O livro é um conjunto de poemas, cujos autores, em sua maioria professores, artistas, donas de casa, trabalhadores do comércio, da região do Vale do São Francisco, no interior do Nordeste Brasileiro, propuseram-se a escrever, de forma poética, as suas sensações sobre os

sentimentos advindos desse momento histórico de calamidade pública globalizada. A obra, por contar o relato de um povo e de uma época específica, tem sido utilizada em escolas como incentivo à leitura e à produção de texto, tornando-se um marco literário da região ribeirinha.

Na outra ponta desta interação, de família com bons recursos financeiros e profundamente católica, Galeano definia-se como “um cidadão latino-americano.” Tanto em seu país como na Argentina, foi fundador de importantes jornais e revistas culturais, todos fechados pelos governos e pelos credores. Autor de mais de 40 livros, traduzido em diversos idiomas, escreveu obras que transcendem os gêneros ortodoxos, combinando ficção, jornalismo, análise política e história. É o autor de “*As veias abertas da América Latina*” – artigos sobre a América Latina com a intenção de divulgar fatos que a história oficial, história contada pelos vencedores, esconde ou mente.

1 SOBRE A OBRA

Versos em pandemia – retalhos de um tempo, mais do que um conjunto de textos historicamente datados, trata-se de uma coletânea representativa do pensamento de 50 pessoas do Vale do São Francisco, poetas amadores em sua maioria, que ressalta o valor da arte em meio a cenários desafiadores. A partir da obra, pode-se notar que a poesia, e a escrita, de uma forma geral, de fato não têm o poder de curar doenças, mas podem afagar nossa alma e, na junção de iguais na dor, acalmar o coração e amenizar os sentimentos de ansiedade e tristeza que assolam a nossa mente. Sobre isso, os organizadores apresentam:

De repente, as ruas quedaram-se vazias, restando às casas serem abrigos de todos que precisam fugir de... todos. Estranho sentimento esse: escapar do que nos faz humanos, em essência – o abraço, o afeto, o estar junto, a conversa ao pé do ouvido, rir junto, reclamar junto (FLORÊNCIO; LEITE, 2020, p. 12).

Os organizadores da obra são, ao mesmo tempo, poetas amadores, professores, com vasta atuação no ensino básico e superior, em escolas e cursos da rede pública e particular das cidades circunvizinhas, bem como pesquisadores da Língua e Literatura, com diversos artigos publicados na área da Linguagem. Segundo o que defendem em diversas passagens da obra, foram buscar nesses estudos, a inspiração e o rigor técnico para seleção dos textos da coletânea.

(...) a comissão se esforçou para transformar o emaranhado das palavras carregadas de emoção, de vontade de falar, em uma organizada seleção de poemas de autores e autoras petro-juazeirenses, nascidos ou naturalizados, com receio do futuro, mas com algo a dizer nesse registro social, histórico e, sobretudo, artístico, sem rigores, nem armaduras. Sem o peso canônico do fazer poético, mas com a doçura de se ouvir a subjetividade do outro, sem julgamentos, sem pretensão, sem sofrimentos. (...). Nesta antologia, registra-se, antes de tudo, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente. Desse modo, a comissão considera todos os poemas aqui reunidos um presente a todos que, nesses dias de pandemia, sentiram a ausência de alguém (FLORÊNCIO; LEITE, 2020, p. 14).

O prefácio de *Versos em pandemia* ficou sob a responsabilidade do poeta e cantador Mavíael Melo, que anuncia “No inquietar-se da alma, no desiludir do olhar, na impermanente angústia do ser” (p. 08), a poesia vem burilar o poeta, assim como Vlader diz “bulinar” (p. 154). E, nessa tarefa difícil, inglória, solitária, a literatura se faz, como arte, como registro, como ser. Por isso, o poeta-cantador encerra seu texto versejando que, “para cada verso silenciado, um outro eu sei que virá” (p. 10).

Literatura é a “arte da palavra”, que adquire seu significado fundamental, e mesmo diante de importantes transformações semânticas, ainda hoje se apresenta como uma arte particular – uma específica categoria de criação artística, em conjuntos de textos resultantes dessa atividade criadora. A partir dessa informação, compreende-se que essas transformações abarcam diferentes ordens, porém não perdem suas conexões. E, considerando essas conectividades é que se discorre este artigo, em consonância com um texto em crônica, de décadas anteriores, como pretexto, para uma análise interpretativa de textos do agora.

2 COMPARATIVOS

O estudo parte de frases (versos), expressões (estrofes), carregadas de sentidos que extrapolam o convencional. São palavras “marcadas pela individualidade e pelo contexto”, como enfatiza Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*:

(...) A palavra existe para o locutor sob três aspectos: como *palavra neutra* da língua e que não pertence a ninguém; como *palavra do outro* pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como *palavra minha*, pois na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, como uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade (BAKHTIN, 2000, p. 113).

Depreende-se, portanto, que os textos pertencem a diferentes interlocutores que com seus efetivos singulares, se proclamam em um eu lírico individual e coletivo, que vive e compartilha do momento. São vidas e histórias impregnadas de sentimentos, em volta do seu *eu* histórico, ideológico, religioso, cultural e particular, mas que tem voz e fala e/ou até grita sobre os infortúnios do momento.

Para Galeano (2013), “ao se escrever, é possível oferecer o testemunho de nosso tempo e de nossa gente, para agora e para depois, apesar da perseguição e da censura. Pode-se escrever como que dizendo, de certa maneira: estamos aqui, aqui estivemos; somos assim, assim fomos”. No fragmento de Bruna Luz (2020, p. 21), evidencia-se esse tétrico momento:

A vida virou uma marionete d’Os olhos vendados,
que numa convivência singular,
fingem não ver o caos que há.
E escolhem seguir sempre em frente,

pois o Brasil não pode parar.

E o tempo vai marcando sua infinitude na voz do poeta e compositor Daniel Gomez (2020, p. 27), presente na coletânea:

... Sombria espessura
De um tempo sem ordem
Descomedido...

A partir das descrições desse local inóspito, também presente no poema “Lá” (página 90), como uma distópica *Paságada*, do poeta Roberto Remígio, em um tempo desconforme e envolto de vidas em caos, como se pode caracterizar os habitantes, do momento? Vejam como se manifestou o observador e incontestemente Demis Santana (2020, p. 32):

Encarcerados em seus lares
Rugem feitos jaguares em jaulas presos
Pelos seus, preponderam os menosprezos
Liberdade, só acreditam se na rua
Se há no céu, sol estrelas ou mesmo lua
E daí? Isso pouco lhes importa
Pois creem que só para além da porta
Acha-se a tal felicidade...

E, nessa profusão de sentir, ser e se inserir nesse contexto, eis que a poeta Elizeuda Siqueira (2020, p. 33) declara sua convicção:

Não sei quem sou
Me estudo, algo mudou...
(...)
Essa não sou eu...
Por favor! Me quero de volta!
(...)
Vá embora e me traga de volta.

E vamos tecendo, afinal para quem é que se escreve? Nas palavras de Eduardo Galeano (1978 p. 13-5) “as pessoas escrevem a partir de uma necessidade de comunicação com os outros. As pessoas escrevem contra sua própria solidão e a solidão dos demais (...)”. Nas palavras de Leite (2020, p. 121), “eu escrevo para não explodir por dentro. Prefiro deixar que saia esse nó na garganta, essa espinha de peixe, esse engasgo que me acompanha desde sempre”. E, no pós-fácio do livro, o professor Dr. Simão Pedro dos Santos nos diz: A poesia é necessária, porque dela nos alimentamos todos os dias. A poesia é necessária em tempos de pandemia e fora dela, porque a poesia nos veste de linguagem, de mundo, de vida, de homens que somos” (2020, p. 122). Escreve-se para fortalecer a dor e descrever o que se presenciou... E outro autor presente no livro assim nos representou:

(...)
Houve um tempo em que já não se chorava os mortos
Eram tantos!
Morria-se como moscas...
E os vivos, perplexos,
Aturdidos, impotentes
Tudo parecia banal, ilusório, pesadelo.
Surreal! (MENEZES, Jota, 2020, p. 56)

A solidão, amplamente manifestada pelas ruas vazias, é trazida pelo poeta Thiê Gomes (2020, p. 112):

Estamos limitados, mas sempre estivemos presos,
Andávamos pela rua trôpegos com os fados que nos
Submeteram.
Agora a iminência da finitude nos deu possibilidade de vida...

Fechando esse mote, Gilberto Santana (2020, p. 39) assim declara:

(...) Dói escrever o que sinto...
Sinto que escrever dói! (...)

E, para assim se expressar, Galeano (1978) escreve:

Que bela tarefa a de anunciar o mundo dos justos e dos livres! Que função mais digna, essa de dizer não ao sistema da fome e das cadeias – visíveis ou invisíveis! Mas os limites estão a quantos metros de nós? Até onde os donos do poder nos dão permissão de ir?

E os poetas entre linhas e entrelinhas se posicionam. Pode-se destacar alguns trechos de Paulo Henrique e Gilberto Santana, respectivamente:

Aqui dentro, do lado de dentro,
Há uma voz que reclama
Os mortos, todos os mortos...
Cardiopatia, câncer, covid, crime...
Mortes... são mortes, dores enterradas, desterradas...
Marginalizadas, invisíveis, pandêmicas... Humanas (2020, p. 78)

(...)
De dentro grito: fora!
Lá fora está a ameaça
E quando saímos fora
Lá fora não queremos taça
Dentro ou fora essa é a hora
Juntos e sem demora
Fora o que causa desgraça! (2020, p. 39).

E, no entretenimento das linhas, em verso e reversos são destacados os sentimentos de um tempo e de um povo que não se calou, ao contrário se motivou e registrou para essa e as gerações futuras o furor pandêmico de um coletivo em dor. Conforme Galeano (1978), “a obra nasce

da consciência ferida do escritor e se projeta ao mundo. Então, o ato de criação é um ato de solidariedade”. Sim, não se perdeu a esperança, e muitos dos poetas, assim a descreveu:

(...)
O momento que vivemos
Nunca houve outro igual
É preciso abrir mão
De uma vida que é ‘normal’
Talvez seja essa a hora
De começar outra história
No contexto social (AMORIM, Francisco Macedo, 2020, p. 36).

(...)
Mergulhei, andei, cavalguei...
Até a pandemia me impedir.
Decido ficar parado e isolado
Recebo calor do seio familiar
Fujo do vírus desembestado
Reflijo sobre ouvir e tolerar
Absorvo calma e aprendizado
Aceito olhar, cuidar e esperar (ARAÚJO, Hélio, 2020, p. 46).

(...)
Saber ser só,
Sentir-se só
Aceitar-se só
Um desafio.
Usar a solidão em seu benefício
É sabedoria,
É generosidade,
É autonomia... (SANTOS, Rita, 2020, p. 87).

E, apesar de tudo, esses e outros muitos, não silenciaram, não se negaram e publicaram suas incertezas e ‘verdades’ em poemas, que com ou sem rima, embelezam, denunciam, envolvem e tripudiam dos que nos tentam calar as vozes.

Como o fazem as poetisas Tereza Leonel, no poema *Quem Dera*, em que expõe o tenebroso momento sociopolítico que acompanha o contexto pandêmico de insegurança e polarização, em versos como: “É uma complexidade tão absurda /Que não se pode entender. /Aqui pelas terras tupiniquins, /Nunca antes na história, um asno assume o poder” (p. 105); e Vânia, pseudônimo de Vânia Almeida Granja, que expõe, de forma ríspida, a violência contra a mulher. E, como uma mãe falando para uma filha, alerta: “Entra pra dentro, menina / o perigo te espreita/ seja na tua relação abusiva / ou naquela rua estreita” (p. 114).

Assim, querendo que o tempo passe rapidamente ou tentando esquecer da realidade a que estava submetido, esse grupo de poetas amadores fez, além de literatura, o registro de um tempo. Como diz o poeta maior, Carlos Drummond de Andrade: “Tempo presente, os homens presentes, a vida presente”. O pretexto foram os textos: tudo é poesia! – Retalhos de um tempo...

3 ANÁLISES CONTEXTUAIS

Depreende-se a partir do que foi abordado que a escrita é importante não apenas para transmitir conhecimento e compartilhar histórias, mas também como meio de propagar a esperança. Isso foi o que nos ensinou Galeano, a partir de suas opiniões acerca da importância da literatura. Em tempos de crise e de bonança, a palavra não pode ser dissociada da vida.

A importância da escrita é evidenciada no livro *Versos em Pandemia – relatos de um tempo*, visto que, ‘as palavras’ têm também o poder de gerar identificação, mesmo que entre pessoas em distintas situações sócio contextuais. A identificação gerada pela obra, parte de sentimentos tais como os de medo, saudade e desânimo, bem como tem o condão de multiplicar sonhos, esperança e resiliência – o poder que cada pessoa tem de passar por situações difíceis e superá-las.

O sentimento de solidão gerado pela pandemia, os sorrisos mascarados, a falta de abraços, afeto e conversas olho no olho podem gerar sentimentos de inutilidade e vazio. Então, nesse mundo novo a que fomos apresentados, o que nos resta enquanto não podemos estar juntos fisicamente? A palavra. Como dizem os poetas/organizadores em “Se as mãos não podem se tocar fisicamente, a palavra mão inventa o abraço; se os sorrisos se escondem por detrás das máscaras, a palavra máscara faz sorrir aquele que lê” (FLORÊNCIO; LEITE, 2020, p. 4).

A dor da pandemia, a dor que tem doído demasiado, a dor da impotência, a de não se ter certeza ou a da certeza de não-se-sabe-o-que é trazida em forma de contrição, em oração, mãos postas, empatia pela poeta Fênix, pseudônimo da professora Clarissa Loureiro: “Não se pode ser feliz hoje, mas se pode ter compaixão/Compaixão pelo pai que enterra o filho, pelo que teme abraçá-lo./Compaixão pelo homem que sofre num leito de UTI/pelo que espera por uma maca no corredor de um hospital” (2020, p.), no seu lirismo em “Oração da pandemia”.

A dor da pandemia revela também olhar mais denso, mais fundo, crítico mesmo, para outros males que cercam, particularmente, a semi-milenar *Terra Brasilis* desses tempos em versos tão simbolistas/decadentistas que reverberam em jogos inteligentes com a palavra poética em leitura que traz outras dobras, outras texturas, outras linhas, outros fios, como o faz o poeta-trovador Gilberto Santana, em “De dentro pra fora”:

Convivo com o convite da Covid
onde o covarde cava a cova [...]
assisto a livre estupidez/desse poder que desova [...]
Dessa terra que se tornou plana/usando o vírus, o verme agita
joga pra Deus a sorte da morte
enfermidade coletiva e aflita
clama por um líder presente
Testou negativo pra presidente (2020, p. 40).

Assim, como dizem os organizadores, “restam, nas ruas de cada cidade, os restos das gentes que passaram antes do vírus. Haverá mundo depois desse abalo sísmico? E antes, o que

éramos, senão uma soma de esperas: o ônibus que não passa; dias melhores que tardam a chegar; abraços pouco sinceros; o tempo que não passa dentro de casa. O mundo mudou” (2020, p. 12), preocupados com o pós-pandemia.

E ainda que sonolento, o mundo enfrenta o período mais conturbado de sua modernidade. Não há como comparar este contexto com nenhum outro momento da História da Humanidade, visto que, em nenhuma outra época, de conflitos ou de epidemias, grandes catástrofes ou grandes guerras, nunca se teve tantas dúvidas e certezas como agora, multiplicadas e potencializadas pelas tecnologias da informação e da comunicação, que, de forma digital e globalizada, atinge a todos. Que, segundo o próprio organizador, em Florêncio et. al. (2020), essa nova forma de relação com a informação possibilita ao leitor ser sujeito participativo, “construtor” e não mais um espectador passivo. Por isso, a experiência de *Versos em Pandemia*, desde a sua ideia original, lançada pelo poeta amador Giovani Lima, e da divulgação e recepção dos escritos, à seleção e, posterior, publicação da obra, trata-se de um processo interativo, próprio aos tempos em retalhos vivos nessa contemporaneidade *líquida*, aludida pelo filósofo Zygmund Bauman (1929-2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, é preciso falar do constructo do livro: a escrita dos sentimentos contextuais da comunidade. A ânsia de falar e a ansiedade no ouvir, contar histórias, nos emocionar juntos, podem ser eternizadas por meio da palavra, da escrita. Ela também pode eternizar a vida presente e trazer identificação diante das vulnerabilidades as quais todos nós estamos expostos. “O tempo/vida que passa aparece de novo a traduzir a fugacidade, já que nada é eterno” (PEDRO, 2020, p. 124), como nos mostram os versos de João Trapiá: A E toda a/Vida/Convida/A instante eterno que some (p. 55).

O ato de escrever é necessário em qualquer tempo. Não se pode dissociar o ser humano da escrita. É o que nos move e é o meio pelo qual somos movidos. Foi o meio pelo qual soubemos da nossa história e ancestralidade. E assim também se sucederá neste tempo em que vivemos. Apesar das dificuldades, prevaleceremos. E por meio da escrita, nossa história será uma dose de esperança para o futuro. O ato de escrever é, em outras palavras, o ato de eternizar.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vi M. **Teoria da Literatura**. 8ª edição. Vol. 1, Livraria Almedina, Coimbra, 1994.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. (tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão: revisão da tradução Marina Appenzeller). 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FLORÊNCIO, R. R.; SILVA, H. M. F. Q.; BONILLA, M. H. S. **Práticas de multiletramento**: uma realidade ainda distante nas escolas contemporâneas. Revista *Entreideias: educação, cultura e sociedade da UFBA*, vol. 9, edição 1, Salvador, 2020.

FLORÊNCIO, R. R.; LEITE, V. N. (Orgs) **Versos em Pandemia** – retalhos de um tempo. Petrolina/PE; Oxente, 2020, 126.

GALEANO, E. **Vozes e crônicas**. São Paulo, Global/Versus, 1978. P. 13-5.

NICOLA, J. **Língua, Literatura e Redação**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.